

A extrema concentração e a utilização do Estado acarretaram o aparecimento e o desenvolvimento, na área capitalista, da organização específica que é a empresa multinacional, que se constitui de certo número de empresas filiadas, que funcionam simultaneamente em diversos países.¹⁷⁷ Essa definição fixa apenas a forma, entretanto; na essência, a empresa multinacional funciona sob direção e controle empresarial da matriz, entendendo-se como tal a empresa originária, sediada no país originário, partindo das filiais mercadorias, informações e rendimentos, em fluxo que se concentra naquela. Segundo estimativas relativas ao ano de 1969, o movimento de vendas das empresas multinacionais holandesas, por exemplo, representou quase 70% do rendimento nacional bruto daquele país; a soma do movimento de vendas das empresas norte-americanas representou quase 88% do produto nacional da Holanda, Bélgica e Suíça reunidas; o movimento de vendas da General Motors, superior a 24 bilhões de dólares, foi maior do que o produto nacional bruto da Bélgica, aproximando-se do da Suécia ou da Holanda; o da Standard Oil (N.J.) foi maior do que o produto nacional bruto da Dinamarca; o da Ford foi maior do que o produto nacional bruto da Áustria. Estudo preparado pela Organização para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento dos países europeus revelou que o valor contábil dos investimentos das companhias multinacionais, fora do seu país de origem, em 1966, elevava-se a cerca de 90 bilhões de dólares; em 1969, o crescimento anual das empresas multinacionais foi calculado em 12%; seu valor contábil, em 1968, ultrapassava 150 bilhões de dólares, sendo previsto, para 1971, em montante superior a 300 bilhões o movimento de mercadorias a serem negociadas fora do território de suas matrizes. Tal valor ultrapassaria o valor total do comércio internacional não dominado por elas. Pesquisa elaborada pelo National Industrial Conference Board revelou que, entre 1962 e 1964, empresas de 12 países industrializados montaram filiais em 88 países, “com

como a necessidade de coordenar a atividade das diversas empresas — por conseguinte, uma necessidade de planificar — já aparece em regime capitalista. Tem sua origem no seio das associações de empresas capitalistas que são os consórcios, os trustes, os cartéis, surgidos na época do capitalismo monopolista, assim como por força de o Estado ter chamado a si certos setores da atividade econômica”. (Oskar Lange: *op. cit.*, p. 163). “Isto significa que os homens do grande capital tomaram em suas mãos a direção do aparelho estatal. Eles dispõem, no quadro das instituições adaptadas para seus fins, de uma propriedade de Estado ampla, de um importante consumo estatal, dos meios, também, de realizar apreciáveis transferências de capitais e lucros, bem como de um instrumento para regularizar e controlar, de certo modo, a economia”. (Edouard Bailby: *op. cit.*, p. 9/10).

¹⁷⁷ A definição é de E. J. Kolde: *International Business Enterprise*, Nova Iorque, 1968.